



Ana Martins

Psicóloga. Doutoranda
da Faculdade de Psicologia
e de Ciências da Educação
da Universidade do Porto.

Joaquim Luís Coimbra

Professor Associado da Faculdade
de Psicologia e de Ciências da
Educação da Universidade do Porto.
Coordenador do Centro
de Desenvolvimento Vocacional.

JOVENS ADULTOS, VINCULAÇÃO E TRABALHO:

“Amor” e “Trabalho” de novo juntos?

Perante (i) um cenário em que a inserção no mercado de trabalho é pautada por um profundo desconhecimento e pelo pendor da incerteza, e (ii) na assumpção de que a vivência da desta última nos remete para a activação do sistema de vinculação dos indivíduos (Marris, 1996), e (iii) em que a vivência da transição para o mercado de trabalho – ainda que normativa – implica a experenciação de sentimentos ambivalentes e de sintomatologia ansiosa-depressiva (Martins, 2001), pretende-se apresentar os resultados de um estudo com jovens adultos. Globalmente, procura explorar-se e analisar-se os significados atribuídos por estes últimos ao trabalho (Chaves et. al, 2004; Coimbra & Gonçalves, 2002), em função dos seus estilos de vinculação (Bowlby, 1978; 1988; Hazan & Shaver, 1990). Utilizando uma amostra de jovens adultos em período de frequência universitária (N=200), administrou-se um instrumento de avaliação de dinâmicas de vinculação (Experiences in Close Relationships – Revised, concebido por Fraley, Waller & Brennan, 2000), adaptando-o não só à população portuguesa mas também englobando – por força da experiência prática com o jovem adulto – as figuras mais significativas para este: figura paterna/materna, namorado(a) e par significativo (“melhor amigo(a)”). Procurando uma abordagem que procura contrariar a tendência de estanquicidade atribuída aos domínios do trabalho e da vinculação, os resultados são apresentados e colocados à disposição para discussão, mormente nas implicações que as diferenças individuais nos estilos de vinculação podem ter na percepção que os jovens adultos têm do trabalho como parte integrante do projecto existencial humano.

1. INTRODUÇÃO

A partir dos meados do século XX, a Psicologia debruçou-se sobre o trabalho como dimensão a ter em conta num “ponto de vista mais existencial e humano, centrado nos sentidos e significados do trabalho” (Coimbra & Gonçalves, 2002). Ainda assim, só recentemente algumas correntes da Psicologia conceptualizam o trabalho como parte realmente integrada da existência humana, alimentando uma ausência de estanquicidade entre os domínios “amor” e “trabalho”, a

todos os títulos inexistente. Um dos exemplos desta estanquidade patente na prática psicológica é o facto de, com poucas excepções, esta temática ser frequentemente desvalorizada em contexto psicoterapêutico, ao qual não é alheio o facto de não proliferar um corpo teórico consistente que desestruture o viés dos psicoterapeutas em relação ao trabalho, nomeadamente negligenciando as dimensões psicológicas do mesmo, rotulando-o, 'possivelmente de forma inconsciente, com o estatuto de não-existente ou inconsequente' (Axelrod, 1999).

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

Num clima de marcado pela imprevisibilidade e incerteza, juntamente com a desorganização da sociedade global actual, exige-se e torna-se pertinente uma reflexão profunda sobre o papel e o significado do trabalho para a existência humana, na perspectiva de uma reformulação do mesmo face às actuais circunstâncias. As vivências de hoje são marcadas por um contexto em que o desenvolvimento e evolução profissional se desenrola num estado de permanente questionamento ou 'no seio de uma instabilidade inqualificável de onnipresente' (Simard, 1996). Presentemente, somos testemunhas de mudanças quer ao nível social (e.g. o número rapidamente crescente de mulheres no mercado de trabalho) quer ao nível da estrutura ocupacional (e.g., novas ocupações a serem criadas e outras a serem eliminadas devido ao passo acelerado da inovação da tecnologia), o que se traduz em instabilidade e menor previsibilidade (Vondracek, 2001).

O caso dos jovens adultos

Segundo o Instituto Nacional de Estatística (Maio 2006), os dados mais recente face às estatísticas do emprego, no que diz respeito ao caso dos jovens adultos em Portugal, informam-nos do seguinte:

- Há um acréscimo do emprego no grupo etário 25-mais anos;
- Indivíduos com nível de escolaridade secundário ou pós-secundário e superior, registaram acréscimos de emprego, diminuindo o número daqueles que possuem, no máximo, um nível do ensino básico;
- Desempregados simultaneamente com nível de ensino superior e à procura de emprego há menos de um ano foram o grupo populacional que mais contribuiu para a redução trimestral do desemprego;
- Em termos estatísticos, no que diz respeito à população activa, a sub-população entre os 25 e os 34 anos de idade é a segunda mais elevada (só suplantada pela dos 45-64 anos);

Com base nestes dados, parece poder concluir-se que ao aumento das qualificações ainda se reporta menor desemprego. O facto dos sujeitos com formação superior serem ainda os que menos contribuem para a população desempregada, leva-nos a crer que as mensagens sociais acerca do desemprego dos diplomados do ensino superior situam-se ao nível de criação e gestão de expectativas (criação de expectativas por parte dos aparelhos de decisão, ao promoverem uma política de incentivo à frequência do ensino superior; gestão de expectativas por parte dos sujeitos, ao constatarem mensagens sociais acerca do desemprego destes mesmos diplomados). Quando se assiste à passagem de um cenário onde a frequência de formação superior estava apenas ao alcance de um privilégio de uma elite para um cenário de normatividade da frequência do ensino superior (ainda assim uma das mais baixas da Europa, já que só 20% da nossa população adulta, entre os 25 e os 64 anos, completou o ensino secundário¹), o resultado óbvio é o da saturação do mercado, sobretudo num país em que o seu tecido empresarial é constituído por mais de 90% por PME's², que empregam cerca de 75% da população e representam 70% do PIB português, que globalmente ainda tende a valorizar mão-de-obra barata e de baixa qualificação, já que dos cerca de 5 milhões de portugueses que integram a nossa população activa, 2 milhões e 500 mil têm menos do que a actual escolaridade obrigatória.

¹ Dados do Governo do ano de 2005.

² Dados da Associação das Pequenas e Médias Empresas de Portugal.

A inserção no mercado de trabalho é, presentemente, pautada por um profundo desconhecimento, pelo pendor da incerteza, resultando numa completa imprevisibilidade da linearidade do campo de formação e respectivo exercício profissional [60% dos jovens com uma certificação formal não trabalha na sua área de formação inicial - Azevedo, 1999]. Se tomarmos por adquirido que existe um 'omnipresente clima de insegurança e instabilidade que caracteriza as sociedades contemporâneas e patente, por exemplo, no número crescente de indivíduos à procura quer do primeiro emprego quer de um novo emprego' (Coimbra & Parada, 2000), a incerteza é, portanto, a palavra-chave quando falamos, numa dimensão específica, de desenvolvimento vocacional, trabalho e carreira e, num plano mais global, de desenvolvimento humano.

Ao mesmo tempo que é bombardeado por mensagens sociais dramáticas acerca das perspectivas profissionais dos diplomados do Ensino Superior, o jovem adulto investe na sua formação, seja pelo facto de a frequência do Ensino Superior ser considerada cada vez mais normativa e constituir-se como "o passo seguinte" ao Ensino Secundário, com as respectivas pressões sociais (para muitos, ser "o primeiro doutor da família"), seja porque efectivamente considera que a formação superior é o caminho para a realização e concretização do seu futuro. Ainda que consciencializados de que o "pleno emprego", mesmo para os diplomados, assume o carácter de mito, muitos jovens adultos criam significado de que a formação superior já não será uma garantia, mas um motor/promotor de oportunidades. Tal como os resultados desta investigação parecem induzir, os jovens adultos que frequentam o Ensino Superior parecem conscientes de que o seu aumento de qualificações pouco lhes serve de garantia. Ainda assim, e face à paradoxalidade das mensagens sociais (por um lado, incentivos à frequência do Ensino Superior e, por outro, a tendência à procrastinação das macro-estruturas sócio-económicas para absorção destes diplomados – Martins, Ramos & Coimbra, 2000), os jovens adultos parecem ter apostado na integração desta mesma paradoxalidade, no caminho de uma auto-regulação de expectativas formuladas para si próprios: um *locus* de controlo interno para remeter para si próprios o sucesso das suas trajetórias profissionais e pessoais, como se constatassem que o único caminho para lidar com a imprevisibilidade e a incerteza fosse o de internalizar o seu controlo, salientando características e competências necessárias "ao sucesso". Em última análise, parece que o mecanismo de *coping* usado para lidar com a incerteza e com os seus correlatos psicológicos (dimensão ansioso-depressiva associada à transição, ainda que normativa) é a internalização da responsabilidade.

3. TRABALHO E VINCULAÇÃO, AS INVESTIGAÇÕES DE REFERÊNCIA

Embora tratando-se de um domínio relativamente recente, várias investigações constituíram-se como sendo de referência para o presente estudo.

No caso dos significados atribuídos ao trabalho pelos adultos e adolescentes, Coimbra & Gonçalves (2002) enfatizaram conclusões que servem de orientação à produção de resultados empíricos no domínio, mormente, (i) para os adultos que estão já no mundo do trabalho, embora reconheçam um conjunto de emoções negativas (*stress*, cansaço, desgaste), o trabalho é prioritariamente reconhecido como uma fonte de realização pessoal e oportunidade de estabelecer relações interpessoais, (ii) o trabalho continua a ser um instrumento poderoso de autonomia e integração psicossocial – é responsável pelo seu sentido de dignidade e da realização da sua cidadania, (iii) os adolescentes associam o trabalho à dimensão emocional negativa, tal como os adultos empregados e, (iv) no que diz respeito ao processo de significação do trabalho, existem três principais constelações a ter em conta, nomeadamente, as dimensões intrínsecas, mais associadas à realização pessoal, como a satisfação, a evolução, o crescimento, a sensação de utilidade, as dimensões extrínsecas, mais centrada nos *outcomes* do trabalho, como a remuneração, em que se evidencia o trabalho como o meio para atingir a sobrevivência, uma espécie de inevitabilidade e a dimensão emocional (positiva/negativa).

Mais concretamente no caso dos jovens adultos, Chaves et al. (2004), na sua exploração de modo a aceder aos significados atribuídos ao trabalho pela *urban youth* (jovens adultos que vivem em áreas urbanas e cujas famílias, algumas das quais são imigrantes recentes, são financeiramente carentes ou apresentam dificuldades na vivência do quotidiano), estes parecem tender a adoptar uma visão mais prática do trabalho, o que pode ser um

“reflexo da realidade das oportunidades condicionadas (€) e acesso limitado a papéis ocupacionais diversificados” (idem). Em suma, no que diz respeito à definição do trabalho, a maior parte dos jovens adultos tem tendência a ver o trabalho como um meio para atingir um fim, leia-se a subsistência; se esta não estiver em causa, como a única justificação para trabalhar é a obtenção de dinheiro como meio de subsistência, não faz sentido trabalhar.

Ainda no que concerne as investigações de referência, e, mais concretamente, no caso da exploração da contribuição das dinâmicas de vinculação para o processo de significação do trabalho na existência humana, Lopez & Schirmer (2001), procuraram explorar as relações entre *stress* no trabalho, supervisão apoiante, estilos de vinculação adulta, satisfação com o trabalho e sintomas psicológicos, com uma amostra de trabalhadores adultos, tendo concluído que concluíram que o estilo de vinculação adulta é preditiva dos níveis de *stress* no trabalho, sintomas psicológicos e supervisão apoiante. Mais ainda, na diferenciação de dinâmicas de vinculação, os *seguros* apresentam menores níveis de *stress*, menos sintomas psicológicos e maiores níveis de supervisão apoiante; o contrário se passou com os *preocupados* e *amedrontados*.

Aliás, as diferenças individuais no que diz respeito à vinculação adulta e aos significados atribuídos ao trabalho já tinha sido analisada por Hazan & Shaver (1990), tentando aceder as correlações entre as dinâmicas de vinculação na infância e as dinâmicas no trabalho. Assim como Bowlby (1988) falava da importância dos comportamentos exploratórios da criança, os autores propõem que o trabalho contemporâneo poderá ser também o contexto de exploração por excelência do adulto, nomeadamente no facto de essa experiência poder contribuir para o seu sentido de mestria do adulto. Para aprendermos a ser competentes na relação com o mundo que nos rodeia, temos de explorar. Mas explorar pode significar cansaço e ameaça, situações em que o nosso sistema de vinculação é activado. O comportamento exploratório, donde advém o sentido de mestria, é optimizado, então, pela percepção de uma base segura a quem recorrer.

Em suma, a presente investigação, inspirada nas investigações anteriormente referidas, procurou constituir-se como uma fase inicial de um projecto que pretende explorar de que forma a vinculação adulta – avaliada/conceitualizada dimensional e/ou categorialmente – poderá servir de factor explicativo, ainda que evidentemente não exclusivo, dos significados que os jovens adultos atribuem ao trabalho.

4. DESIGN METODOLÓGICO

4.1. AMOSTRA

No presente estudo contemplou-se uma amostra de 200 jovens adultos a frequentar o Ensino Superior Português (de instituições públicas, privadas e de ensino concordatário). Depois de tratada a base de dados, a análise incide numa amostra de 182 sujeitos, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, dos quais 103 são do sexo feminino e 79 do sexo masculino (ver Anexo 1).

4.2. HIPÓTESE

A hipótese geral da presente investigação reveste-se de um cariz exploratório, razão pela qual se adoptou, parcialmente, por uma abordagem qualitativa. Mais concretamente, a hipótese geral deste estudo é a de que diferenças nas dinâmicas de vinculação, avaliadas dimensional e categorialmente, reportam a diferenças entre os significados atribuídos pelos jovens adultos ao trabalho.

4.3. VARIÁVEIS

4.3.1. VARIÁVEL INDEPENDENTE – ESTILO DE VINCULAÇÃO.

INSTRUMENTO

Foi desenvolvido e adaptado para a população portuguesa um *self-report* de avaliação de vinculação, o Experiences in Close Relationships Revised [Fraley, Waller & Brennan, 2000] que permite avaliar, em função das dimensões ansiedade e evitamento, do ponto de vista dimensional e categorial, os estilos de vinculação do sujeito. No original, o instrumento é composto por 36 afirmações (e.g. “My romantic partner makes me doubt myself”)

relacionadas especificamente com a relação com o par romântico. Assumindo a generalidade da expressão “relação amorosa”, e face à centralidade das figuras do jovem adulto (figura paterna, materna, par romântico e par significativo – “o melhor amigo”), adaptaram-se os conteúdos para uma afirmação generalista (e.g. “Esta pessoa faz-me duvidar de mim próprio”) ao que o sujeito responde, numa escala de Likert de 7 níveis (1- “Não concordo nada” e 7 – “Concordo totalmente”) em função do seu grau de concordância em relação a cada uma das afirmações face a cada uma das quatro figuras. Após uma fase de reflexão falada e com a apreciação de um painel de especialistas, aplicou-se o instrumento final à amostra.

4.3.2. VARIÁVEL DEPENDENTE – SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AO TRABALHO.

Aos mesmos sujeitos da amostra, na mesma altura da administração do *self-report* de vinculação, foram colocadas três questões abertas, com a seguinte instrução: “Da forma mais espontânea que lhe for possível, por favor complete as seguintes frases com substantivos, verbos ou adjetivos que considere mais adequados. Para efeitos de análise, só a questão aberta “Quando penso em trabalho, penso em...” foi processada, sendo que as outras duas dizem respeito à transição para o mercado de trabalho e a incerteza.

5. RESULTADOS

Para além de todos os procedimentos relacionados com o apuramento das qualidades psicométricas necessárias aquando de uma reformulação e adaptação para uma outra população que não a original (análise factorial exploratória a vários factores), outros procedimentos foram realizados para avaliação da validade, fidelidade e consistência interna do instrumento. Dada a elevada consistência interna do instrumento (a média do *Alpha Cronbach* para a dimensão da ansiedade é de 87,08 e para a dimensão do evitamento a média é de 89,65), outros procedimentos estatísticos foram considerados, mas que aqui não será pertinente dissecar. A partir de uma análise de *clusters* em função das variáveis ansiedade e evitamento, computados os *scores* e adaptados à amostra, obtém-se a vinculação de cada sujeito em relação a quatro figuras: figura paterna, figura materna, par romântico e par significativo. É atribuída a classificação 1, *seguro*, aos sujeitos que apresentem baixos níveis de evitamento e ansiedade; classificação 2, *evitante*, com baixos níveis de ansiedade e elevados níveis de evitamento; classificação 3, *preocupado*, com elevados níveis de ansiedade e baixos níveis de evitamento; e classificação 4, *amedrontado*, com elevados níveis de ansiedade e evitamento. Após esta análise de *clusters*, passa-se a agrupar os sujeitos em função da sua pertença ao grupo 1, 2, 3 ou 4 em relação a quatro figuras diferentes, o que contabiliza 256 combinações possíveis. Dada a complexidade da tarefa, optou-se por dividir estas combinações agrupando as figuras de vinculação em função da sua natureza. Assim sendo, uma primeira dimensão de análise é a vinculação à figura paterna e materna (Ainsworth, 1989; 1991; Bowlby, 1973; 1980; 1991) e a outra dimensão diz respeito aos pares como figuras de vinculação (o namorado(a) – o “par romântico” e o melhor amigo – o “par significativo”), tal como avançado por Armsden e Greenberg (1987).

Vinculação às figuras parentais

Em função das referidas médias, cada sujeito pertence a um determinado *cluster* (1, 2, 3 ou 4) em relação a cada uma das figuras. As combinações encontradas constam do anexo 2.

Como se pode comprovar pelo anexo 3, as combinações mais frequentes, no domínio da vinculação às figuras parentais, são (i) vinculação segura ao pai à mãe e (ii) vinculação *amedrontada* em relação a ambos, representando mais do que 50% da amostra (50,55%).

No caso da primeira combinação, a palavra mais frequente associada a trabalho é “esforço” (8 ocorrências), seguida de “futuro” (7 ocorrências) e “responsabilidade” e “cansaço” (ambas com 5 ocorrências).

No caso da segunda combinação, vinculação evitante em relação a ambos, a palavra com maior ocorrência é “remuneração”/“dinheiro” (7 ocorrências), seguida de “esforço” (4) e “futuro” (3).

Vinculação aos pares

No caso da vinculação aos pares, as combinações mais frequentes, que juntas representam mais de 60% da amostra (60,98), são (i) seguro em relação ao par romântico e ao par significativo (29,67%) e (ii) preocupado

em relação ao par romântico e amedrontado em relação ao par significativo (15,93%) e (iii) preocupado em relação ao par romântico e ao par significativo (15,38%), como se pode comprovar pelo anexo 4.

No caso da primeira combinação, a palavra mais frequente associada a trabalho é “esforço”, (com 9 ocorrências), seguido de “futuro” (5 ocorrências); já no caso da segunda combinação, as palavras são bem mais heterogêneas e menos repetidas, sendo que a palavra mais frequente nesta combinação é “dinheiro”/“ganhar dinheiro” (4), seguida de “esforço”, “sucesso” e “responsabilidade” (3). No caso da terceira combinação, parece existir uma grande dispersão, com percentagem muito menor de repetição de palavras, sendo que as mais mencionadas são “tempo” (3) e “esforço” (2).

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Ainda que encerrando em si mesmo um carácter exploratório, os resultados desta investigação parecem constituir-se com um primeiro passo na compreensão das diferenças individuais face aos significados atribuídos ao trabalho.

A opção pela análise de *clusters* permite-nos analisar a relação entre os agrupamentos de *clusters* em função das suas dinâmicas de vinculação adulta às diferentes figuras e os significados atribuídos ao trabalho pelos jovens adultos.

Na análise da dimensão da vinculação, parece confirmar-se a prevalência de *seguros* (baixos níveis de ansiedade e evitamento), tal aconteceu também nesta amostra, quer num primeiro nível de análise (figuras parentais), quer num segundo nível de análise (pares). No que diz respeito à análise dos dados qualitativos (significados atribuídos ao trabalho), analisando estes dados na sua globalidade, não parece haver grande divergência do que é dito na literatura acerca dos significados atribuídos pelos jovens adultos ao trabalho (Chaves et. al, 2004; Coimbra & Gonçalves, 2002), *i.e.*, parecem estar presentes as dimensões negativas associadas ao trabalho (“esforço”, “cansaço”), as dimensões intrínsecas (“futuro”, “responsabilidade”) e as extrínsecas/instrumentais (“dinheiro”, “remuneração”).

De forma a melhor operacionalizar a análise da relação dinâmicas de Vinculação – significados atribuídos ao trabalho, foram estabelecidos dois níveis de análise: um primeiro nível, que diz respeito à vinculação às figuras parentais (figura paterna e materna) e um segundo nível que concerne as relações de vinculação com os pares (par romântico e par significativo). Desta divisão operacional, resultam 16 combinações diferentes no primeiro nível e outras 16 combinações no segundo nível.

O primeiro nível de análise: vinculação às figuras parentais

Recorde-se que, no primeiro nível de análise, as duas combinações mais frequentes [juntas representando mais de 50% da amostra] são (1) a vinculação *segura* ao Pai à mãe (isto é, baixos níveis de ansiedade de evitamento em relação a ambos) e (2) vinculação *evitante* em relação a ambas figuras parentais (isto é, baixos níveis de ansiedade e elevados níveis de evitamento em relação a ambos).

Ora, na primeira combinação parece existir maior heterogeneidade na apreciação e valorização das principais dimensões (extrínseca/instrumental vs. intrínseca; emocional positiva vs. emocional negativa). Enquanto que na primeira combinação estão presentes as dimensões intrínsecas (responsabilidade), a dimensão negativa (“esforço” e “cansaço”), surge ainda uma dimensão que aparece como constante nas respostas dos jovens adultos: a dimensão temporal. Efectivamente, tanto para a vinculação às figuras parentais como aos pares, o trabalho surge como uma dimensão temporal premente – apesar de tudo, natural e previsível, numa população que, por norma, não trabalhou de forma sistemática e sustentada ao longo do tempo e ao nível da exigência profissional. Por outras palavras, enquanto que para a primeira combinação o trabalho é essencialmente algo que é dominado por esta dimensão temporal e pelas dimensões negativas (esforço, cansaço) e intrínsecas (responsabilidade). Ao invés, a segunda combinação, vinculação *evitante* em relação a ambas figuras parentais, parece apresentar uma prevalência, para além da dimensão temporal, da dimensão extrínseca (remuneração) e da dimensão negativa, pautando-se pela ausência da dimensão intrínseca. Tal como se poderá consubstanciar a propósito do segundo nível de análise, a vinculação aos pares, a presença de vinculação *segura* pelo menos em relação a

uma das figuras parece condicionar o aparecimento da dimensão intrínseca do trabalho. Ora, se pensarmos que, efectivamente, os *seguros* parecem mais centrados no trabalho como catalizador de crescimento pessoal e desenvolvimento psicológico [evolução para níveis superiores de autonomia, flexibilidade e complexidade cognitiva], de realização e evolução, menor percepção de ameaça e de stress em contexto de trabalho [Lopez & Schirmer, 2001], elevados níveis de satisfação profissional e menos medos relacionados com a performance [Hazan & Shaver, 1990]. No entanto, esta centração nas dimensões intrínsecas não implica nem tem subjacente uma qualquer ilusão ou imunidade às dificuldades e aos obstáculos colocados pela vivência da incerteza que pauta o mundo actual e na vivência da vida privada [Marris, 1996], patenteia antes a confirmação de que uma orientação segura em relação ao mundo implica uma visão realista e, por sua vez, tal implica reconhecer as dificuldades macro-estruturais vigentes a nível económico, político, social e cultural e as suas implicações na definição de trajectórias profissionais e no processo de significação do trabalho no projecto existencial humano. Aliás, no seguimento de resultados obtidos noutras investigações [Coimbra & Gonçalves, 2002; Chaves et al, 2004], em que as dimensões intrínsecas do trabalho, a maior parte das vezes, só ganham relevância a partir do momento em que as extrínsecas – que encerram em si mesmas o trabalho como meio de subsistência e inevitabilidade social – estão satisfeitas, numa espécie de priorização valorizativa do trabalho.

Em suma, uma interpretação possível dos dados obtidos é a de que os jovens adultos com vinculação segura ao pai e à mãe parecem ser mais heterogéneos nas dimensões mais frequentes com que apreciam o significado do trabalho (dimensão temporal, dimensão emocional negativa e dimensão extrínseca) do que os jovens adultos com vinculação amedrontada a ambas figuras parentais, que por sua vez tendem a omitir a dimensão intrínseca, para se centrarem em aspectos mais extrínsecos e instrumentais (como é o caso da remuneração) e dimensões emocionais negativas. Ora, tal parece ser consistente com o postulado por Hazan & Shaver (1990), já que são aqueles – a par do que chamaram de ambivalentes/ansiosos – que mais instrumentalizam o trabalho, no caso concreto, como forma de obtenção do reconhecimento que ambivalentemente desejam [o prestígio e o estatuto de forma a ganharem aceitação], ao mesmo tempo que se centram na dimensão negativa [tendência para estilos de *coping* mais emocionais – Kummel, 1999].

O segundo nível de análise: a vinculação aos pares

Já no caso do segundo nível de análise, a vinculação dos jovens adultos aos pares, a análise centra-se nas três combinações mais frequentes, (i) a vinculação *segura* ao par romântico e ao par significativo, (ii) a vinculação preocupada ao par romântico e ao par significativo e (iii) vinculação preocupada ao par romântico e amedrontada ao par significativo. Também no caso da vinculação aos pares, a predominância vai para o estilo de vinculação segura em relação a ambos (tal como tinha acontecido com a vinculação às figuras parentais). Este paralelismo mantém-se também ao nível das palavras com maior número de ocorrências (“esforço” e “futuro”), o que parece revelar, para além da dimensão temporal, a prevalência de *outcomes* não tangíveis do trabalho (“realização pessoal”, “realização profissional”, “crescimento”, “sonho”, “prazer”), o que nos remete para a dimensão intrínseca do significado do trabalho. Efectivamente, e tal como já foi avançado anteriormente, também na vinculação aos pares a vinculação segura presente parece constituir-se como um indicio da valorização das dimensões intrínsecas em detrimento das extrínsecas (a palavra “riqueza” ou “dinheiro”, só foi mencionada por duas vezes). Mais ainda, a dimensão emocional positiva, em termos de ocorrência, é superior à dimensão emocional negativa (“sobreviver”, “cansaço”, “ter pouco tempo”). Também aqui a internalização da responsabilidade da construção de trajectórias profissionais (“ser realmente bom naquilo que faço”, “ser realmente competente”, “dedicação”, “empenho”, “compromisso”, “determinação”) parece corresponder a um *coping* adaptativo face ao cenário actual em termos de empregabilidade.

Já no caso da segunda combinação mais frequente (vinculação preocupada em relação ao par romântico e amedrontado em relação ao par significativo), a palavra mais frequente é o “dinheiro”, o que nos remete imediatamente para as dimensões extrínsecas. No entanto, se analisarmos a constelação de palavras mais citadas (para além do “dinheiro”, o “sucesso” e o “esforço”), veremos que, por exemplo, no caso do “sucesso”, parece confirmar-se o avançado por Hazan & Shaver (1990) a propósito dos ansioso-ambivalentes, nomeadamente a tendência a idealizar o sucesso como garante do reconhecimento dos outros. Por essa razão, a dimensão do sucesso parece ser, neste caso, mais extrínseca do que intrínseca, na medida em que procura fazer valer este tó-

pico como um meio para atingir um fim final, a aceitação dos outros, principal orientação em relação ao trabalho. Curiosamente, nesta combinação, a dimensão temporal quase não tem expressão.

Por fim, e no caso da terceira combinação mais frequente, vinculação preocupada em relação ao par romântico e vinculação amedrontada ao par significativo, as palavras, tal como no caso anterior, apresentam uma grande diversidade e menor número de ocorrências de repetição, o que pode ser interpretado como, dentro destas duas combinações (e ao contrário do que ocorre com a vinculação segura), existir uma maior heterogeneidade de motivações, percepções e significados em relação ao trabalho. As palavras mais citadas foram “tempo” e “esforço” (3 ocorrências); a dimensão temporal, tal como na combinação anterior, não parece ser significativa. Curiosamente, a referência aos itens mais frequentemente associados à dimensão extrínseca, o “dinheiro”/“remuneração” só tem uma ocorrência, o que poderá ser interpretado como um sinal da premência da aceitação social. Efectivamente, no seguimento das conclusões de Hazan & Shaver (1990), os “ansioso-ambivalentes” (cuja leitura dimensional será a de elevados níveis de ansiedade e evitamento) são sujeitos particularmente hipervigilantes em relação à hipótese de perda da estima dos outros, donde resulta, neste caso concreto, uma aparente desvalorização das dimensões extrínsecas, antecipando o discurso do que é “socialmente aceite” e interiorizando-o. Presente está também a dimensão emocional, no caso, negativa [“stress”; “envelhecer”], embora pouco prevalente na totalidade das respostas.

Do ponto de vista global, em ambos níveis de análise, as dimensões extrínsecas parecem ser as que reúnem proeminência transversalmente, enfatizando o trabalho como sendo essencialmente um meio de subsistência. Tal parece confirmar o avançado por Chaves et. al (2004), a propósito da visão dos jovens adultos urbanos em relação ao trabalho, como sendo algo de negativo, imposto e um mal necessário à subsistência, ie, o trabalho como inevitabilidade social. Nesta perspectiva seria então incongruente a presença da dimensão intrínseca do processo de significação dos jovens adultos em relação ao trabalho. Parece que o jovem adulto do séc. XXI, o mesmo que investe na sua formação superior (seja por um compromisso de natureza mais indirecta - a normatividade da frequência do Ensino Superior, cada vez mais encarado como um período de moratória institucionalizada - seja por um compromisso de índole mais directa, leia-se, pela consciência de que ainda assim um aumento de qualificação remete-os para uma percentagem mais baixa de desemprego), conseguiu resolver e integrar a dissonância entre as expectativas criadas com a frequência do Ensino Superior e as mensagens sociais de conteúdo paradoxal, como foi abordado na descrição contextual no início deste artigo. Na realidade, a dimensão intrínseca está presente na conceptualização dos jovens adultos em relação ao trabalho, mormente neste como parte da realização pessoal [“gostar do que faço”; “ser feliz”; “exercer uma profissão que goste”], mas esta dimensão aparece consubstancializada num discurso de internalização de responsabilidade individual face à percepção da incerteza, mais concretamente nas características necessárias para obter “sucesso”, nada mais do que ferramentas para lidar com a imprevisibilidade – a “ambição”, “determinação”, “responsabilidade”, “dedicação” e “empenho”. Parece então que perante o tal cenário de vivência de incerteza que aborda todas as esferas da vida do jovem adulto, este parece fazer emergir mecanismos de individualização de responsabilidade para gerir essa mesma incerteza, como se fazendo centrar em si próprio o domínio dessas ferramentas fosse a única forma de domínio a uma realidade que foge cada vez mais de regras de previsibilidade. Efectivamente, “o futuro tem cada vez menos de passado” (Azevedo, 2005).

6. CONCLUSÃO

Num cenário em que a transformação social, política, económica e cultural é célere, a incerteza parece ser o denominador comum da vivência actual do ser humano. Na realidade, não parece possível que a Psicologia possa continuar – explícita ou implicitamente – a apelar a uma estanquidade entre domínios de vida do sujeito, como frequentemente acontece como o “amor” e o “trabalho”.

Não há forma de negar a centralidade do trabalho na vida dos sujeitos, seja porque é esta a sua forma de sobrevivência, seja porque é um contexto de exploração de onde advém, em grande parte o sentido de mestria do adulto, seja porque é promotor do desenvolvimento pessoal, seja porque pode – ou não – contribuir para o seu bem estar, sendo contaminado e contaminando todos os outros domínios de vida (Kummel, 1999). Por con-

sequência, os significados atribuídos ao trabalho pelos sujeitos, são de análise essencial para a reconstrução de uma estrutura ocupacional e de oportunidades que possa ter o potencial que fazer o indivíduo centrar-se nas dimensões intrínsecas, por outras palavras, o trabalho como contexto de promoção de desenvolvimento.

Numa altura de profunda reformulação global, ao nível das macro-estruturas sócio-económicas e políticas, dos dispositivos de formação e regulação de oferta e procura de populações mais e menos qualificadas, parece pouco crível que se possa efectuar a referida reconstrução estrutural sem aceder à forma como o capital humano percepção o trabalho, porque o faz e quais os factores explicativos da forma como o faz, sob pena de realizar reformulação estrutural vendo apenas a árvore pelos seus ramos e folhagem, esquecendo as suas raízes.

No caso específico da presente investigação, a grelha de leitura conceptual baseia-se num tipo de relação, a de vinculação, com implicações potencialmente significativas na forma como o sujeito se percepção a si mesmo e à sua posição no mundo que o rodeia [“modelos internos dinâmicos” – Lopez, 2000], remetendo-nos para dimensões nucleares (as tais raízes) e não periféricas (os ramos).

Em suma, face aos resultados obtidos na presente investigação, parece confirmar-se, no que diz respeito às dimensões subjacentes aos significados atribuídos ao trabalho, os dados de investigações anteriores. Isto é, para além da dimensão temporal que emerge das especificidades da amostra (o trabalho pertence ao futuro), as dimensões extrínsecas/instrumentais ganham saliência (o trabalho como meio de subsistência). Já no que diz respeito ao cruzamento dos dados qualitativos com os estilos de vinculação, parece que o estilo de vinculação *seguro* é responsável pela valorização de dimensões intrínsecas (o trabalho como fonte de realização pessoal, evolução), enquanto que o estilo de vinculação *preocupado* e *amedrontado* parece remeter o sujeito para uma instrumentalização do trabalho, ie, centralização nas das dimensões extrínsecas (remuneração, prestígio, estatuto), como forma de obtenção do reconhecimento.

Assumidamente apenas um primeiro passo de natureza exploratória, a presente investigação opera num domínio que carece de contínua exploração tendo em vista a concretização das diferenças individuais, com base nas dinâmicas de vinculação, nos significados atribuídos ao trabalho. Parece premente a continuidade desta exploração, já que permanecem pouco cristalino, a saber:

- Quais são as implicações da avaliação da vinculação feita dimensional (ansiedade e evitamento) e categorialmente (seguro, evitante, preocupado e amedrontado)?
- A utilização de diferentes tipologias categoriais em cada investigação (da tipologia de Ainsworth usada por Hazan e Shaver e por Lopez, à tipologia usada por Fraley, Waller & Brennan) interferem nas conclusões avançadas por cada trabalho empírico?
- Se o que foi aqui avançado como sendo a internalização da responsabilidade face à incerteza pode ser considerado um coping adaptativo e funcional, porque razão os estilos de vinculação secundários (evitante, preocupado, amedrontado) também o apresentam?
- Qual o papel da vinculação do sujeito em relação aos pares? Podem ou não estes, em função da sua centralidade na vivência do jovem adulto (e consequências evidentes ao nível da identidade), promover “ajustamentos” na percepção que têm do trabalho? Em caso afirmativo, quais são os processos subjacentes a esses “ajustamentos”?
- Se, ao que parece, as dinâmicas de vinculação parecem constituir-se como, pelo menos, variável a ter em conta no processo de construção de significado, será esta variável moderadora ou mediadora?
- Em que sentido caminharão as diferenças dos jovens adultos que já trabalham (ao contrário desta amostra) no significado atribuído ao trabalho?

Por fim, “amor” e “trabalho” não podem continuar, pelas razões que aqui são descritas, a ser operacionalizados como domínios autónomos, estanques e independentes. Se as relações de vinculação assumem importância estrutural e estruturante do desenvolvimento psicológico (o que não é, sublinhe-se, necessariamente linear), sejam elas desenvolvidas no contexto primário de socialização (contexto familiar) e no contexto de relações amorosas (no seu sentido mais amplo e abrangente), então parece evidente que estas poderão ser as bases a partir das quais o sujeito cria e desenvolve significado a uma actividade tão inevitável no projecto existencial humano. Como missões que são, as relações entre “amor” e “trabalho” são necessariamente complexas e necessitam, no futuro, de contínua análise e exploração.

ANEXO 1

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	ATÉ 19 ANOS	49	26,9	26,9	26,9
	20 ANOS	56	30,8	30,8	57,7
	21 ANOS	33	18,1	18,1	75,8
	MAIS DE 21 ANOS	44	24,2	24,2	100,0
	Total	182	100,0	100,0	

Tabela 1 – Idades e frequências já categorizadas em escalões.

ANEXO 2

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	MASCULINO	79	43,4	43,4	43,4
	FEMININO	103	56,6	56,6	100,0
	Total	182	100,0	100,0	

Tabela 2 – Frequências de género da amostra.

ANEXO 3

	Figura Paterna	Figura Materna	Par Romântico	Par Significativo
Ansiedade (Média)	2.7248	2.6746	3.2051	2.9665
Evitamento (Média)	2.9267	2.5540	3.3282	2.1896

Tabela 3 – Médias em relação aos factores Ansiedade e Evitamento com base nas quatro figuras

ANEXO 4

Pai 1 e Mãe 1	Vinculação segura em relação a ambos	Baixos níveis de ansiedade e evitamento em relação a ambos	N=58
Pai 1 e Mãe 2	Vinculação segura em relação à figura paterna e evitante em relação à figura materna	Baixos níveis de ansiedade e evitamento em relação à figura paterna; baixos níveis de ansiedade e elevados níveis de evitamento em relação à mãe	N=6
Pai 1 e Mãe 3	Vinculação segura em relação à figura paterna e preocupada em relação à figura materna	Baixos níveis de ansiedade e evitamento em relação à figura paterna e elevados níveis de ansiedade e baixos níveis de evitamento em relação à figura materna	N = 1

Pai 1 e Mãe 4	Vinculação <i>segura</i> em relação à figura paterna e <i>amedrontada</i> em relação à figura materna	Baixos níveis de ansiedade e evitamento em relação à figura paterna e elevados níveis de ansiedade e de evitamento em relação à figura materna	N=1
Pai 2 e Mãe 1	Vinculação <i>evitante</i> em relação à figura paterna e <i>segura</i> em relação à figura materna	Baixos níveis de ansiedade e elevados níveis de evitamento em relação à figura paterna e baixos níveis de ansiedade e evitamento em relação à figura materna	N=9
Pai 2 e Mãe 2	Vinculação <i>evitante</i> em relação a ambos	Baixos níveis de ansiedade e elevados níveis de evitamento em relação à figura paterna e baixos níveis de ansiedade e elevados níveis de evitamento em relação à mãe	N=24
Pai 2 e Mãe 3	Vinculação <i>evitante</i> em relação à figura paterna e <i>preocupado</i> em relação à figura materna	Baixos níveis de ansiedade e elevados níveis de evitamento em relação à figura paterna; e elevados níveis de ansiedade e baixos níveis de evitamento em relação à figura materna	N=0
Pai 2 e Mãe 4	Vinculação <i>evitante</i> em relação à figura paterna e <i>amedrontado</i> em relação à figura materna	Baixos níveis de ansiedade e elevados níveis de evitamento em relação à figura paterna; elevados níveis de ansiedade e de evitamento em relação à figura materna	N=3
Pai 3 e Mãe 1	Vinculação <i>preocupada</i> em relação à figura paterna e <i>segura</i> em relação à figura materna	Elevados níveis de ansiedade e baixos níveis de evitamento em relação à figura paterna e baixos níveis de ansiedade e evitamento em relação à figura materna	N=1
Pai 3 e Mãe 2	Vinculação <i>preocupada</i> em relação à figura paterna <i>evitante</i> em relação à figura materna	Elevados níveis de ansiedade e baixos níveis de evitamento em relação à figura paterna baixos níveis de ansiedade e elevados níveis de evitamento em relação à figura materna	N=1
Pai 3 e Mãe 3	Vinculação <i>preocupada</i> em relação a ambos	Elevados níveis de ansiedade e baixos níveis de evitamento em relação a ambos	N=21

Pai 3 e Mãe 4	Vinculação <i>preocupada</i> em relação à figura paterna e amedrontado em relação à figura materna	Elevados níveis de ansiedade e baixos níveis de evitamento em relação à figura paterna e elevados níveis de ansiedade e de evitamento em relação à figura materna	N=11
Pai 4 e Mãe 1	Vinculação amedrontada em relação à figura paterna e vinculação segura em relação à figura materna	Elevados níveis de ansiedade e de evitamento em relação à figura paterna e baixos níveis de ansiedade e evitamento em relação à figura materna	N=3
Pai 4 e Mãe 2	Vinculação amedrontada em relação à figura paterna e vinculação evitante em relação à figura materna	Elevados níveis de ansiedade e de evitamento em relação à figura paterna e elevados níveis de evitamento em relação à figura materna	N=1
Pai 4 e Mãe 3	Vinculação amedrontada em relação à figura paterna e vinculação preocupada em relação à figura materna	Elevados níveis de ansiedade e de evitamento em relação à figura paterna e elevados níveis de ansiedade e baixos níveis de evitamento em relação à figura materna	N=7
Pai 4 e Mãe 4	Vinculação amedrontada em relação à figura paterna e vinculação amedrontada em relação à figura materna	Elevados níveis de ansiedade e de evitamento em relação a ambos.	N=33

Tabela 4 – Frequências das combinações com base na vinculação às figuras parentais, avaliadas dimensional e categorialmente

ANEXO 5

Par Romântico 1 e Par Significativo 1	Vinculação segura em relação a ambos	Baixos níveis de ansiedade e evitamento em relação a ambos	N=54
Par Romântico 1 e Par Significativo 2	Vinculação segura em relação ao par romântico e <i>evitante</i> em relação ao par significativo	Baixos níveis de ansiedade e evitamento em relação ao par romântico e baixos níveis de ansiedade e elevados níveis de evitamento em relação ao par significativo	N=20
Par Romântico 1 e Par Significativo 3	Vinculação segura em relação ao par romântico e <i>preocupada</i> em relação ao par significativo	Baixos níveis de ansiedade e evitamento em relação ao par romântico e elevados níveis de ansiedade e baixos níveis de evitamento em relação ao par significativo	N=2

Par Romântico 1 e Par Significativo 4	Vinculação segura em relação ao par romântico e <i>amedrontada</i> em relação à figura materna	Baixos níveis de ansiedade e evitamento em relação ao par romântico e elevados níveis de ansiedade e evitamento em relação ao par significativo	N=2
Par Romântico 2 e Par Significativo 1	Vinculação evitante em relação ao par romântico e <i>seguro</i> em relação ao par significativo	Elevados níveis de e evitamento e baixos níveis de ansiedade em relação ao par romântico e baixos níveis de ansiedade e evitamento em relação ao par significativo	N=0
Par Romântico 2 e Par Significativo 2	Vinculação evitante em relação a ambos	Baixos níveis de ansiedade e elevados níveis de evitamento em relação a ambos	N=7
Par Romântico 2 e Par Significativo 3	Vinculação evitante em relação ao par romântico e <i>preocupado</i> em relação ao par significativo	Baixos níveis de ansiedade e elevados níveis de evitamento em relação ao par romântico e elevados níveis de ansiedade e baixos níveis de evitamento em relação ao par significativo	N=1
Par Romântico 2 e Par Significativo 4	Vinculação evitante em relação ao par romântico e <i>amedrontado</i> em relação ao par significativo	Baixos níveis de ansiedade e elevados níveis de evitamento em relação ao par romântico e elevados níveis de ansiedade e evitamento em relação ao par significativo	N=3
Par Romântico 3 e Par Significativo 1	Vinculação preocupada em relação ao par romântico e <i>segura</i> em relação ao par significativo	Elevados níveis de ansiedade e baixos níveis de evitamento em relação ao par romântico e baixos níveis de ansiedade e evitamento em relação ao par significativo	N=9
Par Romântico 3 e Par Significativo 2	Vinculação preocupada em relação ao par romântico e <i>evitante</i> em relação ao par significativo	Elevados níveis de ansiedade e baixos níveis de evitamento em relação ao par romântico e baixos níveis de ansiedade e elevados níveis de evitamento em relação ao par significativo	N=5
Par Romântico 3 e Par Significativo 3	Vinculação preocupada em relação ao par romântico romântico e <i>preocupado</i> em relação ao par significativo	Elevados níveis de ansiedade e baixos níveis de evitamento em relação a ambos	N=28

Par Romântico 3 e Par Significativo 4	Vinculação preocupada em relação ao par romântico e amedrontado em relação ao par significativo	Elevados níveis de ansiedade e baixos níveis de evitamento em relação ao par romântico e elevados níveis de ansiedade e evitamento em relação ao par significativo	N=29
Par Romântico 4 e Par Significativo 1	Vinculação amedrontada em relação ao par romântico e seguro em relação ao par significativo	Elevados níveis de ansiedade e evitamento em relação ao par romântico	N=0
Par Romântico 4 e Par Significativo 2	Vinculação amedrontada em relação ao par romântico e evitante em relação ao par significativo	Elevados níveis de ansiedade e evitamento em relação ao par romântico	N=1
Par Romântico 4 e Par Significativo 3	Vinculação amedrontada em relação ao par romântico e preocupado em relação ao par significativo	Elevados níveis de ansiedade e evitamento em relação ao par romântico	N=4
Par Romântico 4 e Par Significativo 4	Vinculação amedrontada em relação ao par romântico e amedrontado em relação ao par significativo	Elevados níveis de ansiedade e evitamento em relação ao par romântico	N=17

Tabela 5 – Frequências das combinações com base na vinculação aos pares, avaliadas dimensional e categorialmente

BIBLIOGRAFIA

- Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Ainsworth, M. (1991). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In C.M. Parkes, J. Stevenson – Hinde & P. Marris (Org.), *Attachment across the life cycle*. London, New York: Routledge.
- Armsden, G.C., & Greenberg, M.T. (1987). The inventory of parent and peer attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, 427-454.
- Axelrod, S. D. (1999). *Work and the evolving self: Theoretical and clinical considerations*. Hillsdale, NJ: Analytic Press.
- Azevedo, J. (1998). *Voos de borboleta: Escola, trabalho e profissão*. Porto: ASA.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss. Vol.3: loss, sadness and depression*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1991). *Attachment and loss. Vol.1: Attachment*. London: Hogarth Press (1ª Edição 1969).
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss. Vol.2: separation, anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Brofenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press.
- Chaves, A., Diemer, M., Blustein, D., Gallagher, L., DeVoy, J., Casares, M., & Perry, J. (2004). Conceptions of work: the view from urban youth. *Journal of Counseling Psychology*, 51, 3, 275-286.
- Coimbra, J.L. & Gonçalves, C.M. (2002). Significados atribuídos em torno da experiência Profissional/Trabalho. In <http://www.psicologia.com.pt>.
- Coimbra, J.L. & Parada, F. (2000). Sentidos e significados do trabalho no contexto de uma realidade em transformação: O desemprego e as dificuldades de integração profissional dos jovens. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 15/16, 47-58.

- Debate Mensal na Assembleia da República Portuguesa (Maio 2005). Discurso do Primeiro Ministro. In http://www.portugal.gov.pt/Portal/PT/Primeiro_Ministro/Intervencoes/20050921_PM_Int_AR.htm
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1966). *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. pp. 88 – 110. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Fraley, Waller & Brennan (2000). An Item-Response Theory Analysis of Self-Report Measures of Adult Attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78, 2, 350-355.
- Fraley, R. C., & Waller, N.G. (1998). Adult attachment patterns: A test of a typological model. In J.A. Simpson & W.S. Rholes (Eds), *Attachment theory and close relationships*, pp 77-114. New York: Guilford Press.
- Instituto Nacional de Estatística (2006, Maio). Destaque – Informação à Comunicação Social, primeiro trimestre 2006. In www.inec.pt
- Fairchild, A.J., Finney, S. (2006). Investigating Validity Evidence for the Experiences in Close Relationships-Revised Questionnaire. *Educational and Psychological Measurement*, Vol 66(1), Feb. pp. 116-135.
- Hazan, C., & Shaver, P.R. (1990). Love and work: An attachment theoretical perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 270-280.
- Holland, J.L. (1997). *Making vocational choices: A theory of vocational personalities and work environments* (3rd Org.). Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Kummel, P. (1999). Bringing your family to work: attachment in the workplace. *Dissertation Abstracts International: B, The Sciences and Engineering*.
- Lopez, F., & Brennan, K. (2000). Dynamic processes underlying adult attachment organization: Toward an attachment Theoretical Perspective on the healthy and effective self. *Journal of Counseling Psychology*, 47, 3, 283-300.
- Marris, P. (1996). *The politics of uncertainty: attachment in private and public life*, pp 16-53, 87-104. London: Routledge.
- Martins, A. *Competências de empregabilidade: uma experiência de promoção de competências de procura activa de emprego na transição*. Comunicação apresentada no Congresso “Da Universidade para o mundo de trabalho – Desafios para um diálogo”, Maio de 2001, Braga.
- Martins, A., Ramos, S. M. & Coimbra, J.L. *Competências de Empregabilidade: Uma experiência de promoção de competências de procura activa de emprego*. Comunicação apresentada no II Encontro Internacional de Formação Norte de Portugal/Galiza, Outubro 2000, Espinho.
- Schirmer, L. & Lopez, F. (2001). Probing the social support and work strain relationship among adult workers: Contributions of Adult Attachment Orientations. *Journal of Vocational Behavior*, 59, 17-33.
- Schirmer, L. & Lopez, F. *Adult attachment, work stress, social support and indexes of strain*. Paper presented at the Annual Meeting of the American Psychological Association, San Francisco, August 1998.
- Sibley, C., Fischer, R., Liu, J. (2005). Reliability and Validity of the Revised Experiences in Close Relationships (ECR-R) Self-Report Measure of Adult Romantic Attachment. *Personality and Social Psychology Bulletin*, Vol 31(11), Nov. pp. 1524-1536.
- Simar-Riverin, D. Le concept du chaos vocationnel: Un pas théorique à l'aube du XXI-super(e) siècle? The concept of vocational chaos: A theory for the 21st century? *Orientação Escolar e Profissional*, Vol 25(4), Dec 1996. pp. 467-487.
- Super, D.E., Savickas, M.L. & Super, C.M. (1996). The life-span, life-space approach to careers, pp 121-178. In Brown, D. & Brooks, L. (Org.). *Career choice and development* (3rd Org.). San Francisco: Jossey-Bass.
- Vondracek, F. (2001). The developmental perspective in Vocational Psychology. *Journal of Vocational Behavior*, 59, 252-261.